

FLORBELA ESPANCA, A DESERDADA

Leonor Scliar Cabral

"As obras literárias não nasceram para serem estudadas e analisadas mas para serem lidas e diretamente intuídas". (1)

Foi com esta intenção que mais uma vez entrei em contato com a poesia de Florbela Espanca, procurando despir-me de qualquer outra preocupação que não a de sentir em tôda a plenitude a mensagem da *Deserdada* e poder assim emocionar-me com os sonetos através do primeiro e mais importante conhecimento da obra poética: o do leitor.

Leitora, os sonetos de Florbela fizeram ressurgir em mim antigas vivências, sonhos já perdidos de uma adolescência fortemente influenciada pelos versos de Verlaine e Baudelaire; pela música de Debussy e pelos Impressionistas (Monet e Renoir principalmente). Esta afinidade fez reviver na memória visual, auditiva e olfativa, paisagens morrendo em tardes quentes diluídas por imprecisos tons dourados (e o roxo das glicínias).

A mesma ânsia louca pelo Esperado e a vontade louca de dizer em versos o inefável.

Mas a leitura amorosa nos fez encontrar em Florbela vários momentos, faces diversas de uma artista que é única em tôda sua evolução poética.

Desde os primeiros sonetos publicados em 1919 (*Livro de Mágoas*), onde predominam a insatisfação criadora, a mágoa de quem foi deserdada e aquêle tédio dos predestinados até um desprendimento cada vez maior dos clichês do Simbolismo que coincide com a busca das próprias origens (o mourisco) e a maturidade feminina (o erotismo) em *Charneca em Flor* e os sonetos dedicados a Camões, contudo, nela predomina sempre a insatisfação de quem traz o estigma da paternidade ignorada.

Mas eu nem sei dizer quais os sonetos que mais me agradam nesta simbolista que não deixou de ser bem portuguesa: "A noite desce"? "Caravelas"? "Deixai entrar a morte"?

SEGUNDO CONHECIMENTO

Passado o encanto do primeiro conhecimento, aquê em que despreocupadamente nos entregamos ao prazer da leitura, surge o segundo conhecimento, conhecimento que talvez nos conduza com maiores requintes à profundidade da criação literária: mesmo que impelidos por aquela intuição inicial é a nossa formação cultural que fundamentalmente decidirá de seu acerto: captar passo a passo a trajetória da artista, perceber a sua cosmovisão, deslindar o porquê de cada escolha exigem a aliança de nossa intuição estética com várias forças intelectuais como a inteligência para apreender o texto e o gosto apurado pela leitura e estudos de vários anos.

O que eu pressinto nos versos de Florbela é uma natureza apaixonada mas insatisfeita, que afinou fundamente com a estética do Simbolismo, sem contudo deixar de ser portuguesa.

A INSATISFAÇÃO

Nos seus primeiros sonetos encontramos a cada passo uns queixumes e às vezes gritos por não realizar-se plenamente na poesia, por não conseguir formalizar a intensidade das emoções que lhe vão na alma. Imaturidade? Falta ainda de domínio formal? O certo é que esta insatisfação quanto à expressão artística encontramos-la fundamentalmente na primeira fase. Por exemplo no soneto "Vaidade", onde Florbela começa com: "Sonho que sou a Poetisa eleita" para terminar com o doloroso desencanto de:

"E quando mais alto ando voando,
Acordo do meu Sonho... E não sou nada!..."

No soneto "Tortura", cujo título bem nos sugere o sofrimento da artista em busca da expressão, vamos encontrar quase um ódio pelos próprios versos, estado muito característico:

"São assim ocios, rudes, os meus versos."

E mais adiante:

"Quem me dera encontrar o verso puro,
O verso altivo e forte, estranho e duro,
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!!"

Em "Tôrre de névoa", a poetisa transfere aos poetas mortos sua própria descrença na poesia:

"E todos os poetas, a chorar,
Responderam-me então: — "Que fantasia,

Criança, doida e crente! Nós também
Tivemos ilusões, como ninguém,
E tudo nos fugiu, tudo morreu!..."

O soneto "Neurastenia" apresenta aspectos doentios desta insatisfação expressiva e, numa identificação panteística, tão Florbela, ela grita:

"Ó chuva! Ó vento! O' neve! Que tortura!
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,
Digam isto que sinto que eu não posso!!..."

Voltando ainda à tortura de criar, desta vez mais exacerbada ("A maior tortura", notem o comparativo absoluto), Florbela se sente deprimida em confronto com os outros poetas:

"Mas a minha tortura inda é maior:
Não ser poeta assim como tu és
Para gritar num verso a minha Dor!..."

O mesmo sentimento encontramos em "A um livro":

"Poeta igual a mim, ai quem me dera
Dizer o que tu dizes!..."

No Livro de Soror Saudade o tema desaparece para reaparecer em Charneca em Flor, porém com outros matizes: é às vezes uma insatisfação amorosa, outras, uma ânsia de atingir ideais sublimes.

Na fase do "Livro de Mágoas", nos parece que a autora carrega uma dor tão funda que, a não encontrar palavras que a expressem, ameaça arrebentar. É com um soneto assim que fecha o livro ("Impossível"):

"Os meus males ninguém mos adivinha...
A minha Dor não fala, anda sòzinha...
Dissesse ela o que sente! Ai quem me dera!..."

Os males de Antão tôda a gente os sabe!
Os meus... ninguém... A minha Dor não cabe
Nos cem milhões de versos que eu fizera!..."

O mesmo tema reaparece bem mais tarde num de seus derradeiros poemas e já não é apenas a insatisfação expressiva, conforme assinalamos. É também a ânsia por ideais inacessíveis ("O meu impossível"):

“Minh’alma ardente é uma fogueira acesa,
É um brasido enorme a crepitar!
Ânsia de procurar sem encontrar
A chama onde queimar uma incerteza!”

Terminando pela insatisfação expressiva:

“Mas se eu pudesse a mágoa que em mim chora
Contar, não a chorava como agora,
Irmãos, não a sentia como a sinto!...”

É em “Charneca em Flor” que Florbela nos aparece mulher acima de tudo e, superados talvez, problemas formais, não se rebela contra os próprios versos.

É mais a busca de ideais, de algo inatingível como em “Ser poeta”:

“É ter fome, é ter sede de infinito!”

A insatisfação de tipo quase histérico em “Mais alto”:

“Mais alto, sim! Mais alto! A Intangível!
Turrus Eburnea erguida nos espaços,
À rutilante luz dum impossível!”

No soneto X dedicado ao verso de Camões o tema reaparece em toda a plenitude com a repetição daquele advérbio “mais” reforçando cada imagem: “Eu queria mais...”

Creio que no soneto “Minha culpa”, se encontra talvez uma das chaves desta incessante insatisfação:

“Sou um verme que um dia quis ser astro...”

Provavelmente uma necessidade quase patológica de afirmação, por ser filha de pai ignorado.

A insatisfação de tipo mais nitidamente erótico encontramos no soneto III dedicado ao verso de Camões:

“Olhos buscando os teus por toda a parte,
Sede de beijos, amargos de fel,
Estonteante fome, áspera e cruel,
Que nada existe que a mitigue e a farte!”

A DESERDADA — A MÁGOA

Florbela é a deserdada, a exilada. Talvez por não ter sido reconhecida pelo pai, filha ilegítima que era, guardava mágoa funda, uma

tristeza, um ressentimento, que se refletem nos títulos dos livros e na motivação constante que impregna e perpassa toda sua obra.

A mágoa se instala desde seu primeiro soneto:

“Este livro é de mágoas”

e se anuncia para sempre:

“Lendo o meu livro só de mágoas cheio”.

A mágoa e a enjeitada de mãos dadas no soneto “Eu”:

“Eu sou a que no mundo anda perdida”.

Este sentimento de rejeição paterna se transmuda talvez em desesperança de não encontrar acolhida alguma, nem mesmo a do Amado:

“Sou aquela que passa e ninguém vê...”

Como defesa, misera defesa, Florbela se escuda naquela altivez e orgulho intelectuais, vão consolo para quem se sentiu de início deserdada (Castelã de tristeza):

“Altiva e couraçada de desdém,
Vivo sózinha em meu castelo: a Dor!”

Em “A minha Dor”, encontramos uma variação em torno do mesmo tema:

“A minha Dor é um convento ideal”.

Sem dúvida, os versos onde melhor expressa de um modo dilacerante o sentimento de mágoa são aqueles:

“A minha pobre Mãe tão branca e fria
Deu-me a beber a Mágoa no seu leite!”

Nestes versos (“A maior tortura”) temos elementos suficientes para concluir que a fonte principal da mágoa de Florbela foi a desercão paterna que tornou a mãe tão desgraçada a ponto de não ter calor com que amamentar a filha. É uma referência pungente a sua infância que vem condicionar toda posterior produção poética.

É nos versos que falam sobre mágoas que o seu Ser mais se encontra:

"No silêncio de cinzas do meu Ser
Agita-se uma sombra de cipreste,
Sombra roubada ao livro que ando a ler,
A êsse livro de mágoas que me deste".

(A um livro)

(A um livro)

Mas entre as coisas mais magoadas é ela a mais de tôdas.

"E não vêem que eu sou... eu... afinal,
A coisa mais magoada das que o são?!"

Esta linguagem hiperbólica lembra bastante os versos de Cruz e Sousa (amortalhado em tôdas as mortalhas).

No "Livro Soror Saudade", o tema aparece, às vêzes, como arquétipo ("O que tu és"):

"Aquele a quem a Mágoa chamou filha;"

A mágoa indefinida aparece em "O meu mal":

"Mágoa não sei de quê! Saudade louca!"

O sentimento de exílio tem em "Hora que passa", um de seus pontos culminantes. Já é o símbolo do que passou por tôdas as desgraças físicas e espirituais, no entanto Florbela é mais desgraçada que o mito bíblico:

"Vejo-me triste, abandonada e só
Bem como um cão sem dono e que o procura,
Mais pobre e desprezada do que Job
A caminhar na via da amargura!"

"Mendiga" é uma reapresentação do mesmo tema e em "Quem sabe" o mesmo sentimento obscuro da deserdada:

"Querida tanto saber porque sou Eu!
Quem me enfeitou neste caminho escuro?"

Depois de passar pela fase de explosão erótica, retorna nos últimos sonetos aos velhos temas: a solidão, o exílio (Em vão):

"Passo triste na vida e triste sou,
Um pobre a quem jamais quiseram bem!"

E é num de seus últimos poemas que atinge um dos pontos mais altos da lírica portuguesa ("Deixai entrar a morte"):

"Que sou eu neste mundo? A deserdada,
A que prendeu nas mãos todo luar,
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar,
E que, ao abri-las, não encontrou nada!"

O SIMBOLISMO — A CÔR

Conforme dissemos anteriormente, nota-se na evolução poética de Florbela uma afirmação crescente de sua própria personalidade, com criações cada vez mais independentes dos clichês simbolistas. Permanece contudo, até o fim, o antigo gosto pelos arquétipos, pelas paisagens e momentos esbatidos captados mais de acôrdo como a luz sobre eles incide e aquêle sentimento de predestinada e portanto de exílio numa sociedade burguesa.

Dentre os arquétipos que mais figuram em Florbela, podemos destacar: a Dor (Sem remédio, impossível), a Noite (A minha tragédia, Mais triste), a Quimera e os belíssimos e significativos Princesa Encantada das Quiméras, Princesa Desalento e Maria das Quiméras (O que tu és, Maria das Quiméras, Princesa Desalento), Mar Morto (O que tu és, Caravelas), o Esperado, O, Alguém, o Outro, o Um (Eu não sou de ninguém, Último Sonho de "Soror Saudade") o Destino (Em busca do Amor), Aquela (O que tu és), País Vago (Outonal), o Amor, a Verdade, Dona Morte e tantos outros...

Dentre êstes arquétipos, parecem-me sumamente significativos:

A Princesa Encantada das Quimeras, símbolo que reúne as contações já estudadas de eleita e exilada; de alguém que sonha com o impossível e se desdobra nas variantes Maria das Quimeras, Princesa Desalento e Aquela.

Mar Morto, que simboliza a mágoa, tôda feita de lágrimas amargas, mar que a nada conduz, estático.

O estudo da côr e da luz nos abre verdadeiras clareiras na compreensão dos poetas simbolistas. Assim o branco em Cruz e Souza, interpretado por muitos como um desejo de sublimar a condição de negro.

Em Florbela também vamos encontrar a predileção pelo branco, o branco dos lírios, do lilás, do luar, das magnólias, da neve, das mãos, dos dedos e até da bôca; da mãe, da morte e do desdém. O branco é o sofrimento, a dor, o ideal, a pureza e é em branco e roxo que ela própria se vislumbra. O branco é também os ideais sublimas das aves, das gaivotas, dos pincaros nevados, da espuma das ondas.

"Mar alto! Ondas quebradas e vencidas
Num soluçar aflito e murmurado...
Vôo de gaivotas, leve, imaculado,
Como neves nos pincaros nascidas!"

.....
Meu verso de Samain cheio de graça,
Inda não és clarão já és luar
Como branco lilás que se desfaça!"

(Da minha janela)

As mãos

"As minhas mãos esguias, languescentes,
De brancos dedos, uns bebés doentes
Que hão-de morrer em plena mocidade!"

(Dizeres íntimos)

"Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,
Faz na vidraça rendas de Veneza..."

(Neurastenia)

"E os meus dedos enrugados, velhos,
Hão-de fazer-se leves e suaves..."

Hão de poisar-se num fervor de crente,
Rosas brancas tombando docemente,
Sôbre o teu rosto, como penas de aves..."

"As minhas mãos magritas, afiladas,
Tão brancas como a água da nascente,
Lembram pálidas rosas entornadas
Dum regaço de Infanta do Oriente."

(As minhas mãos)

A boca

"Os meus lábios são brancos como lagos..."

(Horas rubras)

A mãe

"A minha pobre Mãe tão branca e fria
Deu-me a beber a Mágoa no seu leite!"

(A minha tortorua)

A morte

"Passo pálida e triste. Oiço dizer:
— "Que branca que ela é! Parece morta!"

Joga o branco quase sempre com o roxo, o roxo de seus olhos magoados que ela associa a lírios, a violetas, a verbenas, a crisântemos e também a seus lábios.

"Fecho as pálpebras roxas, quase pretas,
Que poisam sôbre duas violetas,
Asas leves cansadas de voar..."

(Languidez)

"Duns beijos que me deste noutra vida,
Trago em meus lábios roxos, a saudade!..."

(A minha tragédia)

"Como pálpebras roxas que tombassem
Sôbre uns olhos cansados, carinhosas,
A noite desce... Ah! doces mãos piedosas
Que os meus olhos tristíssimos fechassem!"

(A noite desce...)

"Teus olhos, borboletas de oiro, ardentes
Borboletas de sol, de asas magoadas,
Poisam nos meus, suaves e cansadas,
Como em dois lírios roxos e dolentes..."

(Crepúsculo)

"De olheiras roxas, roxas, quase pretas,
De olhos límpidos, doces, languescentes,
Onde se debruçassem violetas..."

(Sombra)

"Minhas pálpebras são cor de verbena"

(Realidade)

Como se pode observar, a predileção pelo branco e o roxo se fazem notar fundamentalmente na primeira fase de sua produção poética (Livro de Mágoas).

À medida que Florbela amadurece erôticamente, vai abandonando o branco e roxo para banhar seus versos em crepúsculos de ouro e sol, urnas douradas que por fim se apagam para retornar ao roxo e branco. Ouro e sol são símbolos de paixão ardente, bem como o vermelho.

"Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina...
Pele doirada de alabastro antigo..."

(Passeio ao campo)

"E é de seda vermelha e canta e ri
E é como um cravo ao sol a minha bôca..."
(Se tu viesses ver-me)

"Diluído numa taça de oiro a arder
Toledo é um rubi. E hoje é só nosso!"
(Toledo)

É no entanto no sonêto "Tarde no mar" que Florbela realiza a melhor fusão entre o vermelho, o fogo, a paixão onde a agressividade se transmuda neste bellissimo achado:

"E o sol, nas casas brancas que incendeia,
Desenha mãos sangrentas de assassino!"

A PAISAGEM E O PANTEISMO

Há uma identificação de seus estados anímicos com a paisagem que prefere (Romantismo?): às vezes fala através dos seres da natureza, às vezes com eles dialoga, às vezes quer ser a própria natureza. A identificação de seus estados anímicos mais específicos (a exilada, a deserdada, a solitude) vamos encontrá-la nas preferências pelo entardecer, pelos meios tons do crepúsculo. Em "Anoitecer" identifica a luz que desmaia com o seu áspero e intérmino Calvário.

Poema de nítida inspiração simbolista, descrevendo o crepúsculo é "Cipreste". Em "Crepúsculo" fixa um instante de amor esbatido no cair da tarde. "De minha janela" é uma de suas tantas marinhas, onde volta a identificar o crepúsculo com sua dor:

"Sol! Ave a tombar, asas já feridas,
Batendo ainda num arfar pausado...
Ó meu doce poente torturado
Rezo-te em mim, chorando, mãos erguidas!"

"Sol poente" é, como "Crepúsculo", a fixação de um instante amoroso. O dourado poente aparece várias vezes como os olhos do amado, mas há sempre um tom de nostalgia, porque são:

"Horas em que as saudades, pelas estradas
Inclinam as cabeças martirizadas
E ficam pensativas... meditando..."

O gôsto nitidamente simbolista continua em sua identificação com o outono, tal qual em

"Les sanglots longs
Des violons
De l'automne
Blessent mon coeur
D'une langueur
Monotone."

Em "Soror Saudade":

"Numa tarde de Outono o murmuraste;
Tôda a mágoa do Outono êle me trouxe;"

Em "Fumo":

"Os dias são Outonos: choram... choram...
Há crisântemos roxos que decoram...
Há murmúrios dolentes de segredos..."

Para Florbela até a primavera é um outono:

"Se é sempre Outono o rir das primaveras,"
(Ruínas)

E o In Extremis deve ser tranqüilo como o dormir: da noite no outono:

"Não tenhas medo, não! Tranquilamente,
Como adormece a noite pelo Outono,
Fecha os teus olhos, simples, docemente,
Como, à tarde, uma pomba que tem sono..."

(A um moribundo)

Em "Outonal" confundem-se outono e crepúsculo, criando aquela mesma atmosfera de "l'heure exquise".

A chuva é o outro elemento como o é a noite. E como revivem ao ler seus versos aquêle magistral:

"Il pleure dans mon coeur
Comme il pleut sur la ville;"

"Neurastenia" é um sonêto panteísta onde Florbela dialoga com a chuva:

"Chuva... tenho tristeza! Mas porque?!"

E é num diálogo com a chuva que desenvolve "Mistério". Em "Noite de chuva" transfere de nôvo um instante de amor à paisagem:

"Ah! deixa à noite o seu encanto triste!
E a mim... o teu amor que mal existe,
Chuva a cair na noite do meu peito!"

Exemplo expressivo de sua fusão cósmica é "Noite de Saudade":
de":

"Porque és assim tão escura, assim tão triste?!
É que talvez, ó Noite, em ti existe
Uma Saudade igual à que eu contenho!"

"Noitinha" é talvez um dos mais perfeitos na fixação de um momento, de uma Heure exquise:

O seu deslumbramento diante da criação se realiza no poema "?". Este soneto inicia a parte final de Charneca em Flor onde encontramos seus mais belos poemas dedicados à natureza, poemas que rescendem ora a bucolismo, ora à alma portuguesa. Há às vezes uma descrição torturada como em "Árvores do Alentejo", lembrando a paisagem agreste de nosso sertão:

"Horas mortas... Curvada aos pés do Monte
A planície é um brasido... e, torturadas,
As árvores sangrentas, revoltadas,
Gritam a Deus a bênção duma fonte!"

Neste soneto há uma perfeita sincronia entre a paisagem descrita e a árida tortura que lhe resseca a alma. Em "Panteísmo", ao contrário, Florbela descreve uma natureza exuberante em contraste com seu estado anímico:

"Nas coisas luminosas dêste mundo,
A minha alma é túmulo profundo
Onde dormem, sorrindo, os deuses mortos!"

Mais um exemplo de diálogo com a natureza é o VI dos sonetos dedicados ao verso de Camões:

"Falo de ti às pedras das estradas,"

E o seu terno amor quase franciscano aos sapos, à hera e à charneca canta singelo em "Voz que se cala".

"Não ser" é, porém, o soneto mais representativo do desejo panteísta de identificação com a natureza:

"Quem me dera voltar à inocência
Das coisas brutas, sãs, inanimadas,
Despir o vão orgulho, a incoerência:
— Mantos rotos de estátuas mutiladas!"

PORTUGAL

Embora simbolista, a filha da charneca, do lugar mourisco sem mar à vista, é portuguesa em alguns de seus mais belos versos. E há figuras constantes a lembrar a terra lusitana, suas idiosincrasias: o mar (e sua nostalgia); as caravelas (e o sentimento do exílio) e o pôrto (a saudade, desejo de sempre voltar).

Portugal do casario branco, das tardes de novenas, das camponezas de pele trigueira, mas é sobretudo o Portugal mourisco, com rendas, com seu misticismo, com crepúsculo de ouro:

"Tardes da minha terra, doce encanto,
Tardes duma pureza de açucenas,
Tardes de sonho, as tardes de novenas,
Tardes de Portugal, as tardes de Anto,"
(Languidez)

"É triste e dilacera o coração
Um poente do nosso Portugal!"
(Mais triste)

Quase anacreônico é este "Alentejano":

"Deu agora meio-dia; o sol é quente
Beijando a urze triste dos outeiros.
Nas ravinas do monte andam ceifeiros
Na faina, alegres, desde o sol nascente."

Em "Rústica" contrasta a alegria inocente das pastôras com seus tormentos de intelectual.

A caravela é símbolo de sofrimento ("O meu mal"), mas quando são douradas simbolizam a esperança:

"Caravelas doiradas a bailar...
Ai quem me dera as que eu deitei ao Mar!
As que eu lancei à vida, e não voltaram!..."
(Caravelas)

"Lembrança" evoca as naus que partiram às Índias para nunca mais voltar.

O mourisco aparece em toda sua sensualidade em "Toledo". E é essa ascendência que late em suas vivências que ela reconhece em "Pobre de Cristo":

"Minha terra de tardes sem uma asa,
Sem um bater de folhas... a dormirar...
Meu anel de rubis a flamejar,
Minha terra moirisca a arder em brasa!"

Em seus últimos sonetos parece buscar sôfregamente as remotas origens que esquecera aqui e ali:

“Nêles ficaram meus palácios moiros,
Meus carros de combate, destroçados,
Os meus diamantes, todos os meus oiros,
Que trouxe de além-Mundos ignorados!”

(Teus olhos)

E quando quer oferecer ao amado o que de mais caro tem, murmura:

“Tôda eu sou alma e amor, sou um jardim,
Um pátio alucinante de Granada!”

(Blasfêmia)

O EROTISMO: O BEIJO

O partir de Livro de Soror Saudade, Florbela vai amadurecendo cada vez mais como mulher e artista e são estas vivências que passam a ser centro de seus versos.

Em seu erotismo observamos aquela insatisfação que busca o encontro das almas através do beijo. É quase uma idéia obsessiva em torno do beijo cujo motivo vamos encontrar em vinte e nove de seus poemas eróticos. E o beijo aparece no soneto quase sempre no último terceto, como o coroamento, como a chave do ouro na estruturação do soneto.

Em “A noite desce...” pressentimos esta união espiritual a que a autora aspira, através do beijo:

“E a noite vai descendo, muda e calma...
Meu doce Amor, tu beijas a minh'alma
Beijando nesta hora a minha bôca!”

Se eu tivesse que escolher dentre os sonetos aquêle onde atinge a perfeição, o completar-se de sua vida marcada pela mágoa que se acabou no gesto extremo do suicídio, escolheria:

Deixai entrar a morte

“Deixai entrar a Morte, a Iluminada,
A que vem pra mim, pra me levar.
Abri tôdas as portas par em par
Como asas a bater em revoada.

Que sou eu neste mundo? A deserddada,
A que prendeu nas mãos todo o luar,
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar,
E que, ao abrí-las, não encontrou nada!

Ó Mãe! Ó minha Mãe, pra que nasceste?
Entre agonias e em dores tamanhas
Pra que foi, dize lá, que me trouxeste

Dentro de ti? Pra que eu tivesse sido
Sòmente o fruto amargo das entranhas
Dum lírio que em má hora foi nascido!...”